

A estética do osso: notas sobre o trabalho em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo

Gustavo Arnt

684

Resumo

Apresentamos uma leitura de *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, a partir da percepção de que, na narrativa, a imagem do osso que dói incessantemente, disposta como *leitmotiv*, articula a percepção subjetiva individual de um trabalhador ao processo social mais amplo perpassado pela desigualdade social. A forma do romance desnaturaliza a desigualdade, que, cotidianamente, sendo produzida e reproduzida, legitimada e disfarçada, indo da movimentação de ações na bolsa de valores à espera por um ônibus numa parada, incide sobre a vida de todas as pessoas, oprimindo os pobres e se perpetuando. A imobilidade física do protagonista Pedro, preso dentro do ônibus, contrasta com a mobilidade do ônibus e do mundo do lado de fora, com o complemento perverso de que essa mobilidade do ônibus é igualmente cíclica e conduz os passageiros de forma autômata enquanto autômatos. O autor implícito, porém, instaura uma situação narrativa no segundo plano, à Proust e Joyce, que permite a Pedro, a partir de impressões colhidas a partir do que observa dentro e fora do ônibus e das reflexões suscitadas pelo livro sobre Darwin, se mover internamente, em sua consciência. E é justamente aí que Pedro tenta conhecer racionalmente aquilo que só consegue sentir cotidianamente: a opressão da desigualdade.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Narrativa. Rubens Figueiredo. Desigualdade social. Trabalho.

Esta artigo apresenta as conclusões iniciais de uma pesquisa ampla que se propõe a investigar a representação do trabalho na narrativa brasileira contemporânea. Neste estudo específico, o enfoque recai sobre o romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo (2010). Buscamos demonstrar de que modo as raízes históricas do trabalho no Brasil contemporâneo são transfiguradas esteticamente no romance de Figueiredo, partindo da hipótese de que o trabalho é uma das mediações estruturantes da narrativa.

Como se sabe, o trabalho ocupou e ocupa lugar central na formação da

humanidade e adquiriu as mais diversas formas ao longo da história, desde o simples trabalho de colheita dos povos primitivos, passando pelas especializações (divisão sexual, divisão intelectual) e por múltiplas e variadas formas de exploração (escravidão, servidão, assalariamento, etc.), até chegar à contemporaneidade, quando se observa a tensa convivência de formas arcaicas e modernas de execução, organização e exploração do trabalho, cada vez mais assombrado pelos avanços tecnológicos, os quais, por um lado, representam um enorme ganho para a produção e até para os trabalhadores, mas que, por outro lado, tendem a suprimir quantidades enormes de postos de trabalho.

Entendido aqui como a atividade de transformação da natureza, num processo que acaba por transformar o próprio homem, o trabalho no Brasil já nasce sob a égide da exploração. Cabe ressaltar inclusive que só é possível pensar em Brasil a partir da invasão europeia nas terras que viriam a se tornar o continente americano. É do processo de invasão, colonização e exploração da América portuguesa que nascerá o Brasil, sintomaticamente batizado com o nome da mercadoria que inaugurou o primeiro grande processo de exploração do trabalho nesse espaço. Escravização dos índios, tráfico negreiro, emprego residual dos homens livres pobres, imigração de colonos, assalariamento, sinteticamente essas foram as principais formas que o trabalho assumiu no Brasil¹.

A exploração do trabalho, portanto, está no cerne da formação do Brasil e da sociedade brasileira e afetou direta ou indiretamente todos os aspectos da produção e da reprodução da vida da população, incluindo-se aí a produção artística e a cultura letrada. Desde os primeiros textos aqui produzidos, como a Carta de Pero Vaz de Caminha, associou-se o desenvolvimento econômico das potencialidades naturais da terra à exploração do trabalho. Na famosa fórmula “em se plantando, tudo dá”, o fundamento necessário à frutificação da opulenta

¹ Cf. *História econômica do Brasil* (2007) e *Formação Econômica do Brasil* (2004), de Celso Furtado, e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (2008).

natureza é o trabalho de plantar! Como se vê, desde o início da formação do país está posta a relação entre a cultura letrada e o mundo do trabalho.

Contudo, apesar da centralidade do trabalho na vida humana e da inegável relação entre cultura e trabalho, a representação artística do trabalho nas obras literárias brasileiras carece de investigação. Em nossa tradição de estudos literários, mesmo as vertentes críticas de orientação marxista ou sociológica têm dado pouca atenção ao lugar ocupado pelo trabalho enquanto mediação estética. Embora apareça como objeto de pesquisa e reflexão em estudos dos mais importantes da tradição crítica brasileira, como *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão (1986), *Ao vencedor as batatas* e *Um mestre na periferia do capitalismo*, de Roberto Schwarz (2000), ainda aí o tratamento epistemológico recebido pelo trabalho é secundário, no sentido de que aparece subordinado ao estudo mais amplo das relações de classe na sociedade escravocrata. Trata-se não de um equívoco metodológico, mas sim de uma opção crítica cujos rendimentos foram excepcionais no que conseguiram revelar acerca da forma de equacionar o Brasil nas obras de Guimarães Rosa e Machado de Assis.

Entendo, porém, que há um enorme vazio de estudos que se dediquem a investigar o lugar do trabalho na literatura brasileira e que é preciso investigar os modos como os livros transfiguraram esteticamente o material empírico mais importante na formação social brasileira. A principal questão que se coloca neste estudo é: *De que forma o trabalho foi representado na literatura brasileira ao longo da história?* Necessariamente, responder essa questão implica pensar em uma série de outros aspectos a ela relacionados: *O trabalho ocupou um lugar central ou secundário? Que tipos de trabalho foram representados e de que modos? Quais as implicações semântico-ideológicas das opções estéticas relativas à representação literária do trabalho? A representação literária contribuiu para a formação das estruturas simbólicas ideológicas do público leitor acerca do mundo do trabalho?*

Nossa hipótese central é que, ao longo da história da literatura brasileira,

a representação do trabalho oscilou entre duas posições basilares: a) por um lado, o trabalho foi escamoteado com vistas a esconder seus vínculos com a pobreza e a riqueza das personagens, isto é, esconder como a exploração do trabalho é, ao mesmo tempo, a origem da pobreza dos pobres e da riqueza dos ricos; b) por outro lado, o trabalho foi apresentado como atividade alienada, com vista a revelar ou mesmo denunciar seu caráter explorado. Cabe observar, no entanto, que essas posições muitas vezes aparecem imbricadas e manifestam-se como contradição.

Esse processo de mascaramento do trabalho teria assumido formas diferentes ao longo do tempo, como o apagamento da escravidão nos romances do século XIX, por exemplo, ou mesmo a focalização de personagens de classe intermediária ou baixa, mas ainda assim à margem do trabalho, vistas de longe. A partir do século XX, com o processo de transição da escravidão para o assalariamento iniciado no século anterior, o trabalho passa a adquirir características peculiares, tanto no campo quanto na cidade. Um dos pontos mais importantes da investigação proposta diz respeito justamente às possíveis diferenças entre a representação do trabalho no campo e na cidade. Além disso, é crucial investigar as mudanças ocorridas na representação do trabalho a partir do significativo impacto do fim da escravidão.

Nesse amplo quadro do século XX, faz-se necessário destacar os momentos econômicos decisivos, como a crise de 1929, a consolidação das leis trabalhistas, o programa desenvolvimentista da década de 1950, o período ditatorial, as crises econômicas do final do século XX e o avanço do neoliberalismo a partir da década de 1990. Obviamente, esses momentos são apenas marcos balizadores da reflexão e seus possíveis impactos na transfiguração estética raramente são diretos e necessariamente precisam ser verificados caso a caso.

O trabalho, que acompanha o homem desde seu próprio processo de formação, ao longo da história foi constantemente, e de forma impiedosa, um

mecanismo de sujeição e exploração dos homens uns pelos outros – pode-se pensar na escravidão antiga, na servidão feudal, na escravidão moderna, no capitalismo, etc. Todos esses modos de produção e reprodução apresentam a exploração do trabalho de outrem como traço comum.

Ora, se foi dito anteriormente que o trabalho forma o homem e forma seus sentidos, o trabalho explorado evidentemente também participa desse processo, deixando, no entanto, outras marcas na constituição humana, nos sentidos, na estética.

O processo sumariamente descrito acima nos permite pensar a condição do Brasil em relação ao trabalho e à estética. A colonização, já fruto da expansão do capital mercantil, desestruturou as formas de trabalho, de socialização e de percepção das tribos indígenas. A população que se forma a partir daí, miscigenada a partir de muita violência – basta pensar nos estupros e na escravidão -, construiu sua percepção estética de formas muito variadas, indo desde a preservação de cultos indígenas e narrativas congolezas até os romances românticos e os poemas parnasianos.

Elemento comum a todas essas formas estéticas e culturais, no entanto, é a barbárie com base na qual essa estética se formou. “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”, afirma Walter Benjamin (1994, p. 225). Esse argumento de Benjamin nos permite compreender de forma precisa a formação da nossa cultura – vejam-se os autos de Anchieta, os sermões de Vieira, os poemas de Gonçalves Dias e a escravidão e as missões indígenas; vejam-se os poemas de Castro Alves, o teatro de Alencar, os romances de Lima Barreto e a escravidão e o racismo; vejam-se os romances de Graciliano Ramos, Rachel de Queiróz e Jorge Amado e o latifúndio; vejam-se os poemas de João Cabral de Melo Neto e o mangue.

Foi essa história de íntima relação entre trabalho, exploração do trabalho e formação do homem que nos levou a pensar em como, no caso brasileiro, esses elementos se relacionaram (e relacionam) à estética e, de modo específico,

à literatura.

Dessa forma, o principal objetivo do nosso estudo é analisar o modo como o trabalho está representado no romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo (2010). Como desdobramentos necessários do objetivo principal, buscamos também compreender que tipos de representações do trabalhador foram realizadas; quais foram as convenções literárias subjacentes a essas representações; como se dá a relação entre propriedade, exploração do trabalho e violência; o que representa a ausência ou o apagamento do trabalho nas narrativas ao longo da história.

Partindo do argumento de Theodor Adorno segundo o qual "os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como problemas imanentes da sua forma" (ADORNO, 2008, p. 16), propomos a investigação das soluções estéticas, dos impasses, dos limites e das contradições apresentados pelas narrativas brasileiras no tratamento literário dado ao trabalho, que constitui um dos pilares da formação do Brasil.

É preciso salientar que aqui o trabalho é visto não apenas como objeto de representação – a presença ou ausência do trabalhador, os tipos de trabalho, a ideologia do trabalho –, mas também é visto como processo de representação, ou seja, nos interessa sobretudo investigar o *trabalho do escritor*. Conforme argumenta Hermenegildo Bastos, "muitas obras representam o trabalho humano, a exploração, a dominação do homem e da natureza, mas tudo isto passa a ser significativo quando visto na perspectiva do trabalho do próprio escritor, que é produtor de sentidos" (BASTOS, 2008, 158).

A fundamentação teórica do nosso estudo baseia-se nas concepções estéticas de Theodor Adorno, Antonio Candido e sobretudo de Raymond Williams, principalmente no que diz respeito à relação entre forma literária e forma social. Em relação à bibliografia de teor sociológico, histórico, econômico ou filosófico, que nos ajudará a compreender a formação, a dinâmica e as transformações do trabalho no Brasil, destacamos os estudos de Ricardo

Antunes (2000; 2010), Santana e Ramalho (2010), Perry Anderson (2011), Mello e Novais (2009) e Francisco de Oliveira (2007).

O presente estudo, portanto, propõe a investigação da representação do trabalho na narrativa contemporânea, mais especificamente na obra *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, publicada em 2011.

Após o golpe militar de 1964, a economia brasileira passou por transformações significativas, acirrando e agravando os processos ligados à industrialização. Por um lado, durante as décadas de 1960 e 1970, na esteira da industrialização promovida durante do governo de Juscelino Kubistchek, a economia parecia alavancar um progresso que colocaria o Brasil na prateleira das nações modernas e desenvolvidas do “Primeiro Mundo”. Não demorou muito, no entanto, para a ilusão se desfazer e a famigerada década de 1980 - a “década perdida” - revelar a verdadeira face do processo que o golpe militar pôs em curso. A nova realidade econômica, acompanhada de um massivo processo de êxodo rural e explosão demográfica urbana, impõe um quadro de recessão econômica, desemprego, superinflação, aumento da violência e do tráfico de drogas.

Conforme apontam Novais e Mello, “os avanços produtivos acompanharam-se de mudanças significativas no sistema de comercialização. As duas grandes novidades foram certamente o supermercado e o shopping center” (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 566). Tais avanços produtivos, ligados à industrialização (indústria naval, siderúrgica, automobilística, agropecuária, etc.), marcam a implantação no Brasil do que os historiadores chamam de capitalismo tardio, que passa a balizar de cima a baixo as relações sociais. A explosão demográfica urbana, decorrente direta ou indiretamente dos processos de êxodo rural e industrialização (que passou inclusive pela indústria farmacêutica e pelo combate a doenças como tuberculose e paralisia infantil), do ponto de vista do trabalho, amplia o exército industrial de reserva e suscita uma grande massa de trabalhadores que vão ocupar os postos de trabalho criados

nesse fluxo. Novais e Mello apontam a contradição relativa à fuga da miséria no campo para a constituição do proletariado urbano:

Mas o migrante rural também se sente um vencedor. Dos que se elevaram até o empresariado, a maioria 'saiu do nada'; pouquíssimos vieram de profissões liberais, poucos de postos de trabalho qualificado. Mas são incontáveis as mulheres, antes mergulhadas na extrema pobreza do campo, que se tornaram empregadas domésticas, caixas, manicures, cabeleireiras, enfermeiras, balconistas, atendentes, vendedoras, operárias, que passaram a ocupar um sem-número de postos de trabalho de baixa qualificação, alguns de qualificação média. Incontáveis são, também, os homens desprezados pela sorte que se converteram em ascensoristas, porteiros, vigias, garçons, manobristas de estacionamento, mecânicos, motoristas de taxi, até operários de fábrica. Alguns chegaram a trabalhadores especializados na construção civil, pedreiros, encanadores, pintores, eletricitistas, ou na empresa industrial, uma minoria às profissões liberais. Os negros, em sua esmagadora maioria, ficaram confinados ao trabalho subalterno, rotineiro, mecânico, mas também eles, em geral, melhoraram de vida. (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 584)

Esse quadro amplo das transformações no mundo do trabalho no Brasil durante a segunda metade do século XX, em especial durante as décadas de 1970 e 1980, é acompanhado de transformações igualmente importantes nos padrões de consumo, de escolarização, de expectativa de vida, enfim, da própria sociabilidade no meio urbano. A síntese desse período de implantação do capitalismo tardio no Brasil, no que diz respeito à esfera do trabalho, apresenta dois elementos básicos: a) grande volume de trabalhadores desempregados na cidade e no campo (que expulsa seus habitantes); b) inserção dos trabalhadores que conseguem emprego em atividades profissionais de baixa qualificação e baixa remuneração. A grande e perversa contradição aqui

reside em que, apesar da exploração do trabalho, da baixa remuneração, do pouco prestígio, etc., a mera inserção da população pobre no campo profissional já representa uma melhora de vida significativa, uma vez que, fora disso, o que sobra é a miséria, a fome e frequentemente até mesmo a morte.

Nos anos 1990, a situação do mundo do trabalho se agravaria com a adoção da cartilha econômica neoliberal, cujos impactos nas relações trabalhistas foram enormes e ainda hoje continuam a avançar. Conforme apontam Santana e Ramalho, as principais mudanças trabalhistas decorrentes do avanço do neoliberalismo foram as seguintes:

(1) a “flexibilização” das relações de trabalho e o crescimento do trabalho em tempo parcial, tempo determinado e por conta própria; (2) o uso intensificado da subcontratação, do trabalho a domicílio e o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, além do crescimento do desemprego; (3) a redução do emprego industrial provocada pelo avanço tecnológico e pela automação; (4) a possibilidade atual das empresas de deslocamento e segmentação de suas atividades; e, finalmente, (5) o uso de novas formas de gestão que enfatizam a participação dos trabalhadores e desestimulam a sindicalização. (SANTANA; RAMALHO, 2010, p. 43)

Nos anos 2000, esse processo continua se desenvolvendo, mas ganha um novo ingrediente, igualmente perverso e contraditório², com a chegada do

² Perry Anderson (2011) faz um balanço bastante abrangente das contradições das políticas empreendidas pelo governo do Partido dos Trabalhadores ao longo da primeira década dos

Partido dos Trabalhadores à Presidência da República. Se por um lado essa conquista possibilitou a esse partido, que nasceu da luta sindical, promover o maior processo de redução da pobreza e da desigualdade da história nacional, por meio de políticas de distribuição direta de renda, que contempla principalmente a população que está fora do mercado formal de trabalho e emprego, o aumento real do salário mínimo e ampliação do acesso à educação básica, ao ensino técnico e ao ensino superior, por outro lado foi uma conquista ainda maior para a burguesia, que viu seus lucros serem alavancados vertiginosamente por meio da política econômica fomentada durante o governo do Partido dos Trabalhadores. É justamente aí que reside a perversidade e a contradição! O pouco que foi dado ao proletariado, em face do gigantesco fosso de insegurança, desemprego, fome e miséria, foi suficiente para promover uma igualmente gigantesca onda de “prosperidade” para o proletariado, que, graças aos mais do que flexíveis critérios horizontais de enquadramento de classe, chegou a ser considerado nova classe média. Em termos absolutos a visão se sustenta, inegavelmente a vida da classe trabalhadora melhorou em termos de consumo e acesso a aparelhos públicos. Todavia verdadeira prosperidade ocorreu na parte de cima da pirâmide social, cujos ganhos com o capital financeiro e com as inúmeras possibilidades de ampliação da extração de mais-valia relativa no cenário trabalhista neoliberal transformou o governo do Partido dos Trabalhadores no paraíso financeiro da burguesia. Efetivamente, quem saiu “perdendo” com esse processo foi a classe média, formada majoritariamente por profissionais liberais e pequenos empresários, que não vislumbraram nem de longe os lucros da alta burguesia e não sentiram na pele o salto econômico-social que o proletariado experimentou, pelo contrário, sentiu-se ameaçada pela ameaça de perda de privilégios sociais historicamente enraizados, como o acesso ao ensino superior e a bens de consumo até então

anos 2000, buscado demonstrar detalhadamente o que efetivamente coube ao proletariado e à burguesia ao longo do governo.

exclusivos. Em suma, orquestrou-se, no país do ornitorrinco, o que Francisco de Oliveira chama de hegemonia às avessas³. Nas palavras de Anderson:

O que ele [o governo Lula] tinha conseguido era uma espécie de hegemonia às avessas. Se para Gramsci a hegemonia em uma ordem social capitalista era a ascendência moral dos proprietários sobre as classes trabalhadoras, garantindo o consentimento dos dominados à sua própria dominação, no lulismo, os dominados haviam invertido a fórmula, obtendo o consentimento dos dominadores para sua liderança da sociedade apenas para ratificarem as estruturas de sua própria exploração. (ANDERSON, 2011, p. 40-41)

Em termos bastante gerais, esse é o quadro político-econômico que, na esfera nacional, conduz ao tempo histórico de *Passageiro do fim do dia* e se coloca como raiz histórica do chão social esteticamente transfigurado por Rubens Figueiredo em sua narrativa. Publicado em 2010, o romance foi escrito mais ou menos entre 2006 e 2010 e, embora não seja explicitamente situado em um tempo específico e a viagem do protagonista ocorra entre bairros de uma cidade fictícia, ainda que seja possível inferir se tratar do Rio de Janeiro, o cronotopo desse romance é o Brasil contemporâneo.

Esse romance, que foi recebido com grande entusiasmo pela crítica, tendo sido vencedor do Prêmio Portugal Telecom de Literatura e do Prêmio São Paulo de Literatura, ambos em 2011, teve sua recepção crítica eminentemente voltada para a reflexão acerca do espaço enquanto categoria organizadora da forma estética⁴.

³ Cf. OLIVEIRA, Francisco de. "Hegemonia às avessas", *Piauí*, n°4, jan. 2007.

⁴ Consulte-se, por exemplo, os artigos "Memória e espaço em *Passageiro do fim do dia*", de Tirloni (2012), e "A dramaticidade urbana em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo", de Santos e Fux (2013).

Passageiro do fim do dia trata da urbanidade e de seus habitantes. Imersos em um cotidiano que parece se prolongar *ad infinitum*, os urbanoídes – como poderíamos chamar essas pessoas – em diversas situações, como a fila do ônibus, comportam-se de maneira quase robótica, entorpecidos pela rotina da grande cidade. (SANTOS; FUX, 2013, p. 4)

Efetivamente, o espaço ocupa uma posição fundamental na narrativa, cujo trecho se resume à viagem de ônibus efetuada por Pedro, o protagonista, do centro da cidade para a periferia, onde mora sua namorada, Rosane. O deslocamento espacial realizado de ônibus oferece a Pedro - que narrativamente desempenha o papel de refletor do narrador, uma vez que praticamente toda a história decorre dos fluxos de consciência do protagonista - a oportunidade de, em meio à leitura de um livro sobre Charles Darwin, colocar-se ele próprio como uma espécie de investigador do outro. É, portanto, desse lugar que Pedro observa e reflete sobre a cidade e seus habitantes, inclusive no que se refere às relações sociais que distanciam social, econômica e espacialmente as pessoas. Os estudos que têm abordado a função do espaço em *Passageiro do fim do dia* fazem referência aos escritos de Walter Benjamin (acerca da cidade na modernidade, sobretudo ao ensaio sobre o *flâneur*. Entendo, contudo, que Pedro seria, antes, um *flâneur* às avessas, mediado pela inserção enviesada do Brasil na modernidade, de modo que a própria constituição do indivíduo se fez incompleta. A experiência brasileira impõe barreiras a comparações diretas com os países de capitalismo avançado. Pedro, muito longe de vagar pelas ruas de Paris, enfrenta mesmo é de ônibus a circulação pelas vias que o levarão à periferia, numa situação em que pertence e não pertence àquele lugar, pertence e não pertence ao próprio ônibus. Efetivamente, Pedro flana preso ao limite espacial e social do ônibus, mas é no espaço de suas reflexões que ele buscará, nos fragmentos de pensamento, estabelecer conexões entre aquilo que sente e

observa. Porém, em que pesem as diferenças, há que se admitir que Pedro guarda uma semelhança inegável com o flâneur: o desejo de emprestar uma alma à multidão⁵. A relação entre o “eu” e o “outro” é sempre o que está no horizonte das reflexões do protagonista.

No entanto, apesar da importância do espaço para a estruturação de romance, entendemos que, para além da forma ostensiva, a estrutura do romance, em sua forma latente⁶, aponta para outra mediação estética, que é o *trabalho*. A investigação proposta aqui enquanto desenvolvimento da nossa hipótese poderá oferecer uma nova compreensão acerca das relações entre literatura e sociedade no Brasil contemporâneo e, mais especificamente, demonstrar a validade da compreensão de que, no romance de Rubens Figueiredo, por meio do processo de redução estrutural, o trabalho atua como princípio organizador da forma do romance.

Declaradamente, o autor pretendeu, com essa obra, escrever um romance que possibilitasse a desnaturalização da desigualdade social, que, cotidianamente, sendo produzida e reproduzida, legitimada e disfarçada, indo da movimentação de ações na bolsa de valores à espera por um ônibus numa parada, incide sobre a vida de todas as pessoas, oprimindo os pobres e se perpetuando. Em entrevista, Figueiredo afirma:

Eu tinha também a preocupação de encontrar um caminho para investigar a maneira como nós tratamos a desigualdade, a dificuldade que temos de perceber que certas coisas são constituídas por processos, não estão

⁵ “Emprestar uma alma a esta multidão é o desejo mais íntimo do flâneur. Os encontros com ela são para ele a vivência que nunca se cansa de narrar” (BENJAMIN, 1989, p.113).

⁶ Roberto Schwarz emprega essa distinção para explicar o fluxo contraditório da forma em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Nesse caso, a forma ostensiva da narrativa (sobretudo o movimento ligado à volubilidade do narrador) poderia ser lida apenas como artifício literário e o narrador até muitas vezes tomado a sério. A leitura da forma latente, no entanto, encontra-se em “divergência completa com as explicações do narrador” (Schwarz, 2000, p. 207) e pauta uma interpretação da forma a contrapelo, isto é, “o verbalizado cede o passo à composição” (idem, p. 186) e o “foco da mimese e da apreensão do *quid* histórico se desloca do narrado para o ritmo específico do narrador” (idem, p. 203).

dadas de antemão, como algo natural – para mim, a dificuldade de perceber isso era uma coisa que valia a pena ser investigada na obra de ficção, é o tipo de assunto que parece produtivo, fecundo. (FIGUEIREDO, 2011a, p. 194)

Essa preocupação do autor parece ter-se materializado no romance a partir da opção por um enredo que se distancia bastante tanto da forma dramática quanto da metalinguagem pós-moderna. A viagem de ônibus dura não mais que algumas horas e o máximo que acontece enquanto “ação” é a necessidade de trocar de ônibus em função de uma manifestação que está ocorrendo no Tirol, o bairro para onde Pedro se dirige. No primeiro plano narrativo, não há conflito individual, não há ação e não há saídas. Tudo parece constituir um ciclo permanentemente renovado, assim como as idas de Pedro ao Tirol, toda sexta-feira depois do trabalho, para voltar segunda e começar de novo, de novo e de novo. A imobilidade física de Pedro, preso dentro do ônibus, contrasta com a mobilidade do ônibus e do mundo do lado de fora, com o complemento perverso de que essa mobilidade do ônibus é igualmente cíclica e conduz os passageiros de forma autômata enquanto autômatos. O autor implícito, porém, instaura uma situação narrativa no segundo plano, à Proust e Joyce⁷, que permite a Pedro, a partir de impressões colhidas a partir do que observa dentro e fora do ônibus e das reflexões suscitadas pelo livro sobre Darwin, se mover internamente, em sua consciência. E é justamente aí, em meio ao fluxo de consciência que vai apresentando de forma aparentemente aleatória e desconexa memórias, raciocínios, pensamentos, desejos, que Pedro tenta conhecer racionalmente aquilo que só consegue sentir cotidianamente: a opressão da desigualdade.

Para além do caos aparente no fluxo de memórias e reflexões ligadas à

⁷ Observa-se que, em *Passageiro do fim do dia*, ocorre o alinhamento da técnica narrativa à tradição do romance no século XX que incorpora à forma os avanços da vida reificada. Nas palavras de Adorno: “Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo” (ADORNO, 2003, p. 58).

apreensão sensível da desigualdade social, o trabalho atua como eixo organizador subjacente aos episódios e sentimentos que invadem a mente do protagonista. O episódio que aparece como uma espécie de *leitmotiv*, o confronto entre policiais e ambulantes anos atrás, manifesta-se enquanto trauma em Pedro, para quem a violência policial sofrida enquanto trabalhava como vendedor de livros na rua ressurgiu a todo momento enquanto fantasma psicológico e dor física, no osso que nunca cessa de doer .

Parece ser possível reconstituir os pensamentos de Pedro tendo como eixo a luta de classes fundamentada no mundo do trabalho. De um lado, a face oculta dos exploradores do trabalho de outrem, mas que Pedro não consegue enxergar nitidamente, aparecem como espasmos de pensamento: os patrões, a bolsa de valores, a polícia, os juízes e advogados, o fetichismo da mercadoria; de outro lado, a face marcada dos trabalhadores explorados: motoristas, passageiros de ônibus, vendedores ambulantes, o pai de Rosane (pedreiro acometido por alergia ao cimento, desempregado por causa disso), Rosane (trabalhadora de fábrica acometida por lesão por esforço repetitivo e demitida por causa disso), a amiga de Rosane, moradora do Tirol que não consegue se acomodar ao mundo do trabalho, se rebela contra ele, o matador de aluguel, os desempregados, os ladrões, os mendigos e, costurando tudo isso, a recorrente lembrança dos escravos, do episódio do encontro de Darwin com escravos no Brasil.

A investigação realizada até aqui, portanto, aponta para fortes indícios que concorrem para a confirmação da hipótese de pesquisa referente à centralidade do trabalho como princípio organizador do romance.

Referências

- ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. *Novos Estudos* : Cebrap. N. 91, 2011, p. 23-52.
ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.

- _____. "Posição do narrador no romance contemporâneo". In: _____. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 3ª ed. São Paulo: Boitempo, 2000.
- _____. A crise, o desemprego e alguns desafios atuais. *Serviço Social & Sociedade*. N.104, 2010, p. 632-636.
- AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BASTOS, Hermenegildo. Literatura como trabalho e apropriação: um esboço de hermenêutica literária". *Remate de Males*, v. 28, n. 2, 2008, p. 157-172.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo: obras escolhidas III*. Tradução de José Barbosa e Hemerson Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. "Sobre o conceito de história". In: _____. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Sobre *Passageiro do fim do dia*: entrevista com Rubens Figueiredo. *Terceira Margem*, n.24, Rio de Janeiro, 2011, p. 191-207.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 34ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: Um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: Veredas*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- MELLO, J.M. de e NOVAIS, F.A. "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna". In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Organizadora). *História da vida privada no Brasil*. Volume 4: Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Francisco de. Hegemonia às avessas. *Piauí*, n°4, 2007.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- SANTANA, Marco Aurélio. RAMALHO, José. *Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- SANTOS, D.; FUX, J. "A dramaticidade urbana em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo". *Fronteiras*, n. 11, 2013, p.130-141.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000b.
- TIRLONI, Larissa. Memória e espaço em *Passageiro do fim do dia*. XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS. 2, 2012, 2012.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução: Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.